

**Editora:** Minho Media S.L.

**Director:** Ramom Gonçalves

**Redactor-chefe:** Carlos Barros G.

**Conselho de Redaçom:** Marta Salgueiro, Antom Santos, Antón Álvarez, Ivám Garcia, Alonso Vidal, Xiana Árias, Sole Rei

**Colaboraçom:** Maurício Castro, Inácio Gomes, Davide Loimil, Joám Carlos Ánsia, Santiago Alba Rico, Kiko Neves, José R. Pichel, Ramom Pinheiro, Carlos Taibo, Ignacio Ramonet, Ramón Chao, Germám Hermida, João Aveledo, Adela Figueroa e Carlos Taibo

**Fotografia:** Arquivo NGZ

**Humor Gráfico:** Suso Sanmartin, Pepe Carreiro, Pestinho +1, Xosé Lois Hermo, Gonzalo Vilas, Aduaneiros sem fronteiras

**Publicidade:** 639 146 523

**Correcçom lingüística:** Eduardo Sanches Maragoto

**Imagem Corporativa:** Paulo Rico

**Desenho gráfico e maquetaçom:** Miguel Garcia, Carlos Barros e Alonso Vidal

**NOVAS DA GALIZA**  
Apartado 1069  
27080 Lugo - Galiza  
Tel: 639 146 523  
info@novasgz.com

*As opinions expressas nos artigos nom representam necessariamente a posicçom do periódico. Os artigos som de livre reproducçom respeitando a ortografia e citando procedência. É proibido outro tipo de reproducçom sem autorizaçom expressa do grupo editor.*

*A informaçom continua periodicamente no portal [www.galizalivre.org](http://www.galizalivre.org)*

**Fecho de Edicçom:** 15.01.05

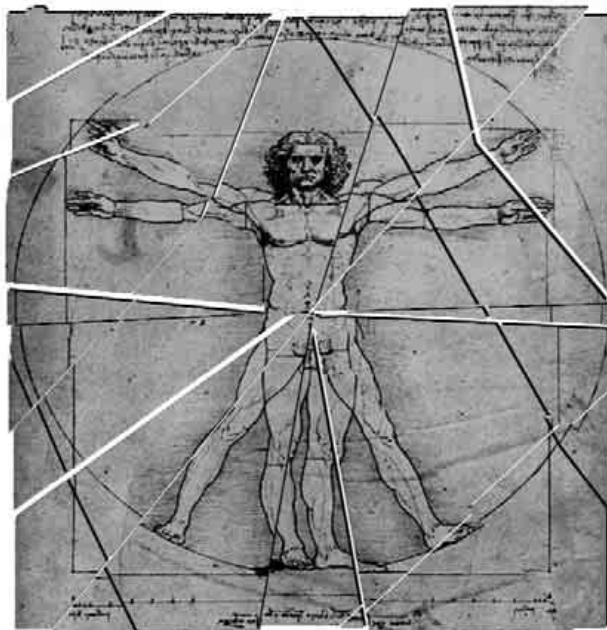
# Devastaçom do corpo

Celso Álvarez Cáccamo

18 de Janeiro de 2005

**C**onfesso-o: há semanas começara a escrever para esta publicaçom um ordenado texto sobre a naçom, sobre as naçom, quando uma súbita doença de uma pessoa da família e um confinamento quase diário em hospitais fez-me pensar na dura evidência do corpo. Da fragilidade do corpo. Da sua essencialidade. Da sua inapelável realidade. E agora, poucas horas antes de terminado o prazo para a entrega deste artigo, dias depois de corredores de hospital, de contemplar em quartos carentes infinitas tosses de anciãos, inacabáveis queixumes nocturnos, rostos decaídos, enormes solidões dentro da casca seca da velhice, compreendi que tudo revolve em torno do corpo, que contém a mente, que contém aquele falido artigo sobre as naçom que felizmente nunca existirá. E compreendo que a política é a expressom do corpo, que a clara ligaçom entre um tsunami assassino e a miséria de um trabalho nos sujos arrabaldes da cidade reside na dimensom incombustível do corpo, a nossa única propriedade: a que nos forçam a oferecer como escravos, a que lanceiam os doutores e modernos druidas, a que é matada nas guerras, a que decai nas minas de carvão, nos prostíbulo onde jovens injectadas de morte são penetradas por armas de carne e depois sangram pequenos corpos clandestinos nas lixeiras. Tudo (o amor, a raiva, o trabalho, o sexo, o fruto que chamam a poesia) é a mesma massa de corpo, a mais elemental matéria que possuímos, a que eu alimento para ela alimentar os meus escritos. A humanidade é a matéria universal que é violada a diário por si própria. O corpo, casa do ser, cárcere e campo simultâneos, o corpo que limita.

Por isso, observar com a mente do corpo o que acontece hoje no mundo só pode entristecer-nos. Algo está profundamente errado quando a mente se cega à miséria do mundo, que é simplesmente a miséria de milhares de milhões de corpos: quando a mente se recusa a ver o roubo de uns corpos por outros, o tráfico de cadáveres em vida em que consiste o mundo. Alguma horrível cegueira nos invade quando não compreendemos em que consiste o espólio da força de trabalho, a solidão da pele da velhice que cheira a leite azedo, a penumbrosa substituiçom como método, o brutal assassínio nas cozinhas de azeites requemados e monótonas sopas amare-



las. Dia após dia matando-nos o corpo e a mente da humanidade. Dia após dia renunciando à utopia, ferindo a massa orgânica do mundo. Eis a doença inacabável, eis o terror. E nós, cegos, silenciosos.

O Capital, fera imortal como todos os tumores, compra em grandes saldos os corpos, devora-os, devolve-os com outras formas no fumegante caldeiro das usinas, das oficinas clandestinas de lâmpadas poeirentas, no patamar de pensões esfregadas de joelhos com ressesa lixívia. O Capital compra corpos de escravos nas fileiras do desemprego, nas sonoras praças públicas, nas canteiras onde meninos de raças magras batem pedras por centavos, nos gabinetes povoados de máquinas plásticas, nos campos arados por antiquíssimo ferro, nos bous que soçobram pálidos cadáveres de olhos muito abertos entre um mar de água e outro de ar. O Capital abre-nos diariamente a mente do corpo e inocula vírus como ideias. E pouco a pouco vamos pensando como Ele. E julgamos que sobrevivermos décadas assim é suficiente para chegarmos vivos até à morte. E assim ao longo da vida o corpo que nos contém vai supurando imperceptivelmente a sua dignidade, e vamos arrojando membros em cada trabalho provisório, e a nossa mente vai ficando

em esqueleto de si própria. E o Capital cresce e impõe com a nossa convivência novas cirurgias. E um dia inesperado somos velhos, e nenhum humano lembra já que esse frágil resíduo de nós também faz parte do seu corpo, do corpo e da mente histórica da humanidade.

Por tudo isso, e por muito mais, é obsceno e cínico falar política sem pensar-mos no corpo. Sem repararmos no diário latrocínio. Mas não resta muito tempo para ressuscitarmos. Estão a envelhecer todas as utopias. Se não resgatamos o valor do corpo e da mente que contém, se o mundo não reclama com unhas essa mínima dignidade de habitarmos-nos a nós próprios, então por favor não peçamos contas a ninguém, a nenhum dos nossos profetas de artifício. Não protestemos qualquer política, não nos sintamos legitimados a qualquer combate. Pois, se continuarmos assim, com tal docilidade, estaremos comendo-nos a nós próprios mas engrossando porém apenas a monstruosa anatomia do Capital. A nossa força de trabalho vive só no corpo e na mente que temos, que é um só, que é unicamente uma: provavelmente seja mais digno morrer que mal-vendê-los. Por isso sempre contra Espanha. Contra a ávida Europa que já espreita. E sempre contra esta forma de Galiza.